

FUNDO DE PENSÕES ABERTO CAIXA REFORMA VALOR

REGULAMENTO DE GESTÃO

A CGD Pensões – Sociedade Gestora de Fundos de Pensões, S.A., com sede na Av. João XXI, n.º 63 em Lisboa, com o capital social de EUR 3.000.000, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número de matrícula e de pessoa colectiva 502.777.460, vai proceder à alteração do Regulamento de Gestão do Fundo de Pensões Aberto Caixa Reforma Valor, cuja redacção passa a ser a seguinte:

ARTIGO 1.º **Definições**

Para efeito do presente Regulamento, consideram-se:

- 1- “Planos de Pensões” programas que definem as condições em que se constitui o direito ao recebimento de uma pensão a título de pré-reforma, reforma antecipada, reforma por velhice, reforma por invalidez ou ainda em caso de sobrevivência;
- 2- “Associados” as pessoas colectivas cujos Planos de Pensões são objecto de financiamento pelo fundo de pensões;
- 3- “Participantes” as pessoas singulares em função de cujas circunstâncias pessoais e profissionais se definem os direitos consignados nos Planos de Pensões, independentemente de contribuírem ou não para o seu financiamento;
- 4- “Contribuintes” as pessoas singulares ou colectivas que contribuem para o fundo;
- 5- “Beneficiários” as pessoas singulares com direito aos benefícios estabelecidos no Plano de Pensões, tenham ou não sido Participantes;
- 6- “Aderentes” as pessoas singulares ou colectivas que aderiram através de um contrato de adesão individual ou colectiva a este Fundo de Pensões.

ARTIGO 2.º **Denominação, Objecto e Constituição**

- 1- O Fundo de Pensões Aberto constituiu-se sob a designação Caixa Reforma Valor, por tempo indeterminado e tem por objecto o financiamento de Planos de Pensões.
- 2- O Fundo de Pensões Aberto Caixa Reforma Valor, adiante designado por Fundo, foi constituído no dia 2 de Dezembro de 2005, data em que foi efectuada a primeira contribuição.

ARTIGO 3.º **Identificação da Entidade Gestora**

A gestão do Fundo compete à CGD Pensões – Sociedade Gestora de Fundos de Pensões, S.A., com sede na Av. João XXI, n.º 63 em Lisboa, com o capital social de EUR 3.000.000, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número de matrícula e de pessoa colectiva 502.777.460, adiante designada por CGD Pensões.

ARTIGO 4.º **Unidades de Participação**

- 1- O Fundo é representado por unidades de participação, as quais poderão ser inteiras ou fraccionadas.
- 2- À data da constituição do Fundo, o valor da sua unidade de participação foi de 5 Euros.
- 3- A subscrição de unidades de participação não dá lugar à emissão de títulos representativos, operando-se em sua substituição um registo informático de unidades desmaterializadas.
- 4- O registo informático de unidades desmaterializadas incluirá a abertura de uma conta, junto da CGD Pensões, respeitante à posição de cada Participante ou Associado (no caso de adesão colectiva) devidamente identificado, da qual constará o número total de unidades de participação detidas, os montantes e os valores das unidades de participação subscritas e resgatadas.
- 5- Com a primeira aquisição de unidades de participação será emitido um certificado representativo das unidades de participação subscritas e sempre que se verifique nova aquisição, será emitido um recibo comprovativo do montante recebido pelo Fundo e do número de unidades de participação adquiridas.

- 6- O valor da unidade de participação evolui, em cada momento, em função do valor dos activos integrantes da carteira do Fundo, pelo que pode aumentar ou diminuir, sendo divulgado diariamente, nos dias úteis, nos locais e meios de comercialização da mesma.
- 7- O valor de cada unidade de participação obtém-se pela divisão do valor líquido global do Fundo pelo número de unidades de participação em circulação. O valor líquido global do Fundo é calculado adicionando ao valor dos activos financeiros, valorizados de acordo com as normas legalmente estabelecidas, todos os créditos perante o Fundo e deduzindo as eventuais responsabilidades já vencidas e não pagas e o montante das comissões e encargos até ao momento da valorização da carteira.

ARTIGO 5.º **Adesão ao Fundo**

- 1- A adesão ao Fundo concretiza-se mediante a celebração de um contrato e pode revestir a forma de adesão individual ou adesão colectiva.
- 2- A adesão individual ao Fundo efectua-se através da subscrição inicial de unidades de participação por Contribuintes, de acordo com o Plano de Pensões estabelecido no respectivo Contrato de Adesão. Os Planos de Pensões a financiar através da adesão individual ao Fundo terão de ser obrigatoriamente de contribuição definida.
- 3- A adesão colectiva ao Fundo efectua-se através da subscrição inicial de unidades de participação pelos Associados, de acordo com o Plano ou Planos de Pensões estabelecidos no respectivo Contrato de Adesão. Os Planos de Pensões a financiar, através da adesão colectiva ao Fundo, podem ser de contribuição definida, de benefício definido ou mistos, podendo ainda ser contributivos.
- 4- As pessoas colectivas poderão celebrar, simultaneamente, um Contrato de Adesão individual e um Contrato de Adesão colectiva nos termos estipulados nos números anteriores.
- 5- Com a assinatura do Contrato de Adesão os Contribuintes pessoas singulares dão o seu acordo escrito ao Regulamento de Gestão do Fundo e conferem um mandato à CGD Pensões para realizar todas as operações inerentes à gestão e administração do Fundo.
- 6- Tendo em linha de conta a exposição a acções do Fundo, conforme descrito na sua Política de Investimento que se encontra definida no Anexo I ao presente regulamento, os Contribuintes pessoas singulares ou os Associados poderão celebrar igualmente uma adesão individual ou uma adesão colectiva ao Fundo de Pensões Aberto “Caixa Reforma Activa” e/ou ao Fundo de Pensões Aberto “Caixa Reforma Prudente”, os quais apresentam perfis de risco diferentes do que caracteriza o Fundo e são também geridos pela CGD Pensões, tendo em vista a realização de contribuições para os vários Fundos, por forma a obterem, através da combinação do investimento nos mesmos, um perfil de investimento mais adequado ao perfil de risco global a que pretendem estar expostos.

ARTIGO 6.º **Transferências Provenientes de Outros Fundos**

- 1- O Participante poderá, no momento da adesão ou posteriormente, solicitar a transferência de valores que detenha, em outros fundos de pensões ou outros instrumentos que visem o financiamento de uma pensão de reforma, para a sua Adesão Individual ao Fundo, desde que tal seja permitido pelo veículo de origem desses valores e que sejam cumpridos os requisitos estabelecidos para o efeito.
- 2- Os montantes transferidos ficarão sujeitos à legislação aplicável aos fundos de pensões, bem como às condições estabelecidas no presente Regulamento de Gestão e no Contrato de Adesão ao Fundo. No entanto, quando os montantes transferidos forem resultantes de contribuições de pessoas colectivas e tal se justificar em função do tratamento fiscal ou outro concedido à mesma aquando da respectiva entrega, os montantes transferidos ficarão sujeitos às condições de acesso ao benefício e respectivas formas de pagamento previstas no plano de pensões de origem, sem prejuízo do respeito pelas condições de reembolso legalmente estabelecidas para os fundos de pensões.

ARTIGO 7.º

Subscrição

- 1- A subscrição de unidades de participação será efectuada ao último valor da unidade de participação conhecido e divulgado na data de subscrição.
- 2- O número de unidades de participação subscritas resulta do quociente entre o valor da contribuição efectuada e o valor da unidade de participação descrito no ponto anterior. Será ainda cobrado, adicionalmente, o valor da comissão de subscrição prevista na alínea b) do art.º 9º do presente Regulamento.
- 3- Em caso de adesão individual, a titularidade das unidades de participação cabe aos Participantes.
- 4- Em caso de adesão colectiva, a titularidade das unidades de participação cabe ao Associado, a menos que o Plano de Pensões financiado por este determine o contrário.

ARTIGO 8.º

Suspensão da Emissão

A CGD Pensões poderá suspender a aceitação de novas contribuições e de transferências provenientes de outros fundos nos termos da legislação em vigor, nomeadamente sempre que o interesse dos Participantes e Beneficiários o aconselhe, mediante prévia comunicação e justificação ao Instituto de Seguros de Portugal.

ARTIGO 9.º

Comissões

A CGD Pensões cobrará as seguintes comissões:

- a) Comissão de Gestão – terá o valor máximo de 3% ao ano, sobre o valor líquido do Fundo, com excepção das unidades de participação de fundos de investimento geridos por empresas do Grupo Caixa Geral de Depósitos, a calcular diariamente e a cobrar mensal e postecipadamente no primeiro dia útil do mês subsequente;
- b) Comissão de Subscrição – sobre o valor das contribuições efectuadas será cobrada, adicionalmente, uma comissão de subscrição que será, no máximo, 5% do respectivo valor. Esta comissão não se aplica aos valores entregues por transferências de outros Fundos de Pensões geridos pela CGD Pensões;
- c) Comissão de Reembolso – será no máximo de 5% sobre o valor a reembolsar;
- d) Comissão de Transferência – cobrada em caso de transferência, solicitada pelo Participante, de unidades de participação do Fundo para outro fundo de pensões e tendo um valor máximo de 5% do valor a transferir, sem prejuízo do estipulado no n.º 4 do art.º 15º deste Regulamento.

ARTIGO 10.º

Composição, Gestão e Autonomia do Fundo

- 1- A carteira do Fundo é constituída por um conjunto variável de valores mobiliários e imobiliários, resultantes das aplicações das contribuições efectuadas pelos Associados e Contribuintes e dos rendimentos entretanto gerados.
- 2- A Política de Investimento do Fundo encontra-se definida no Anexo I ao presente regulamento, sendo deste parte integrante e devendo ser objecto de revisão periódica dentro do prazo máximo estipulado por lei.
- 3- A composição e as aplicações referentes à carteira do Fundo deverão respeitar a Política de Investimento e observar sempre a lei e as normas em vigor, nomeadamente as emanadas da entidade de supervisão.
- 4- A gestão financeira será definida pela CGD Pensões tendo em atenção as regras de segurança, diversificação e liquidez tidas por mais aconselháveis para a natureza das responsabilidades assumidas pelo Fundo.
- 5- O património do Fundo é autónomo e, como tal, não responde pelas dívidas dos Contribuintes, Participantes, Beneficiários, Depositário ou da própria CGD Pensões.
- 6- A Entidade Gestora, sem prejuízo da manutenção da sua responsabilidade para com o Fundo de Pensões, Participantes e Beneficiários, pode mandatá-la a gestão de parte ou da totalidade dos

activos do Fundo de Pensões a instituições de crédito, a empresas de investimento ou outras instituições legalmente autorizadas a gerir activos nos países membros da OCDE.

ARTIGO 11.º

Funções da Entidade Gestora

À CGD Pensões compete a prática de todos os actos necessários ou convenientes à boa administração e gestão do fundo de pensões, nomeadamente:

- a) Representar, independentemente do mandato, os Associados, Participantes, Contribuintes e Beneficiários do Fundo no exercício dos direitos decorrentes das respectivas participações;
- b) Seleccionar os valores que devem constituir o Fundo, de acordo com a política de investimento e proceder à avaliação das responsabilidades do Fundo;
- c) Comprar, vender, subscrever, trocar ou receber quaisquer valores mobiliários ou imobiliários, realizar aplicações no mercado monetário, proceder a hipotecas ou outras aplicações, nos termos da lei e das normas em vigor, e exercer todos os direitos relacionados com o Fundo;
- d) Controlar a emissão e reembolso das unidades de participação;
- e) Calcular e divulgar diariamente nos dias úteis o valor da unidade de participação do Fundo;
- f) Decidir sobre o que respeita à gestão dos valores do Fundo;
- g) Proceder à cobrança das contribuições previstas e garantir, directa ou indirectamente, os pagamentos devidos aos Beneficiários;
- h) Proceder à celebração, em nome e por conta do Participante, do contrato de seguro, se este desejar esta forma de reembolso;
- i) Preparar e divulgar, pelo menos uma vez por ano, um relatório da actividade e das contas do Fundo;
- j) Publicar mensalmente, no sítio da CGD Pensões na Internet, a composição discriminada dos activos que integravam a carteira do Fundo no último dia do mês anterior, o número de unidades de participação em circulação e o respectivo valor;
- k) Preparar e enviar aos Participantes e Beneficiários a informação a que estes têm direito, salvo quanto àquela que, nos termos de um contrato de adesão colectiva, a respectiva obrigação de envio tenha sido assumida pelo Associado;
- l) Informar individualmente os Aderentes sempre que se verifiquem alterações ao Regulamento de Gestão de que resulte um aumento das comissões, uma alteração substancial à política de investimento ou a transferência da gestão do Fundo para outra Entidade Gestora.

ARTIGO 12.º

Banco Depositário

- 1- O banco depositário do Fundo é a **Caixa Geral de Depósitos, S.A.**, com sede em Lisboa, na Avenida João XXI, n.º 63, com o capital social de EUR 3.100.000.000, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número de matrícula e de pessoa colectiva 500.960.046.
- 2- A comissão de depósito, a pagar pelo Fundo, destinada a remunerar os serviços do depositário, terá o valor máximo de 2% ao ano sobre o valor da carteira de valores mobiliários do Fundo, calculada diariamente e cobrada mensal e postecipadamente no primeiro dia útil do mês subsequente.
- 3- Os títulos e outros documentos representativos dos valores mobiliários que integram o Fundo devem ser depositados junto do Banco Depositário.

ARTIGO 13.º

Entidade Comercializadora

A entidade comercializadora do Fundo é a **Caixa Geral de Depósitos, S.A.**, com sede em Lisboa, na Avenida João XXI, n.º 63, com o capital social de EUR 3.100.000.000, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número de matrícula e de pessoa colectiva 500.960.046.

ARTIGO 14.º

Reembolsos

- 1- Os Participantes poderão exigir o reembolso das unidades de participação nos termos das condições estabelecidas nos Planos de Pensões, na lei e nas normas em vigor.
- 2- O reembolso será feito pelo último valor da unidade de participação conhecido à data em que a CGD Pensões efectuar o respectivo pagamento.
- 3- A CGD Pensões procederá ao pagamento do valor do reembolso, num prazo máximo de 30 dias a contar da data em que se reúnam todas as condições para a efectivação da transferência, nomeadamente a recepção dos documentos necessários à prova das situações que originem o direito ao acesso aos benefícios previstos no Plano de Pensões.

ARTIGO 15.º

Transferência para Outros Fundos

- 1- O Participante, em caso de adesão individual, ou o Associado, em caso de adesão colectiva, poderá ordenar a transferência de unidades de participação do Fundo para outro fundo de pensões, independentemente de ser ou não gerido pela CGD Pensões. No entanto, quando os montantes transferidos forem resultantes de contribuições de pessoas colectivas e tal se justificar em função do tratamento fiscal ou outro concedido à mesma aquando da respectiva entrega, os montantes transferidos ficarão sujeitos às condições de acesso ao benefício e respectivas formas de pagamento previstas no plano de pensões de origem, dependendo a efectivação da transferência da aceitação expressa daquelas condições pela entidade gestora do fundo de pensões de destino. O pedido de transferência será formulado por escrito.
- 2- A transferência far-se-á directamente entre fundos e entre entidades gestoras, quando tal for aplicável, ao valor que cada unidade de participação tiver à data da conversão.
- 3- A CGD Pensões procederá à efectivação da transferência num prazo máximo de 30 dias a contar da data em que se reúnam todas as condições para a mesma, nomeadamente a recepção dos documentos exigidos por lei.
- 4- As alterações ao presente regulamento de gestão de que resulte um aumento das comissões, uma alteração substancial à política de investimento ou a transferência da gestão do fundo para outra entidade gestora serão notificadas individualmente aos Participantes, sendo-lhes conferida a possibilidade de transferirem, sem encargos e no prazo de 30 dias a contar do envio daquela comunicação, o valor correspondente às suas unidades de participação para outro fundo de pensões, nos termos previstos nos pontos anteriores do presente Artigo.
- 5- Sobre o valor de qualquer outra transferência que não as previstas no ponto 4, será cobrada a comissão prevista na alínea d) do art.º 9º do presente Regulamento.

ARTIGO 16.º

Transferência da Gestão e ou do Depósito do Fundo

- 1- A CGD Pensões pode transferir a gestão do Fundo para outra entidade gestora, mediante autorização prévia do Instituto de Seguros de Portugal e alteração do presente Regulamento de Gestão.
- 2- A CGD Pensões pode proceder à mudança do banco depositário, mediante autorização prévia do Instituto de Seguros de Portugal e alteração do presente Regulamento de Gestão.

ARTIGO 17.º

Extinção do Fundo

- 1- A CGD Pensões poderá decidir sobre a extinção do Fundo quando este realizar o seu objectivo ou no caso da sua realização se tornar impossível.
- 2- A extinção ocorrerá após autorização do Instituto de Seguros de Portugal e será efectuada mediante negócio jurídico de extinção escrito, o qual será publicado nos termos previstos na lei.

- 3- Em caso de extinção do Fundo, a sua liquidação será feita nos termos da lei e normas em vigor.
- 4- Em caso algum poderão os Participantes, Contribuintes ou Associados exigir a liquidação ou partilha do Fundo.

ARTIGO 18.º

Alteração do Regulamento

- 1- O presente Regulamento poderá sofrer alterações mediante a aprovação prévia do Instituto de Seguros de Portugal.
- 2- Sempre que se verificar qualquer alteração do presente Regulamento, a CGD Pensões deverá comunicá-la de imediato aos respectivos Participantes e Associados, para além de proceder à sua publicação nos termos previstos na lei.
- 3- As alterações ao Regulamento de Gestão, de que resulte um aumento das comissões a pagar pelos Participantes ou pelo Fundo, ou uma alteração à política de investimentos, entram em vigor no dia seguinte ao da respectiva publicação.

ARTIGO 19.º

Provedor dos Participantes e Beneficiários

- 1- Os Participantes e Beneficiários de adesões individuais ao presente fundo podem apresentar reclamações dos actos da CGD Pensões ao Provedor.
- 2- O Provedor será designado pela CGD Pensões ou por Associação em que esteja integrada, constando a respectiva identificação e contactos do contrato de adesão individual celebrado com o Participante.
- 3- O Provedor actua com total independência face à CGD Pensões e compete-lhe apreciar as reclamações que lhe forem apresentadas, de acordo com os critérios e procedimentos fixados no respectivo regulamento de procedimentos.
- 4- O Provedor tem poderes consultivos e pode apresentar recomendações à CGD Pensões.
- 5- A CGD Pensões informará o Provedor sobre as decisões tomadas quanto às recomendações por ele efectuadas e este informará os reclamantes, por escrito, daquelas decisões, nos prazos previstos na lei.
- 6- Serão divulgadas anualmente, no sítio da CGD Pensões na Internet, as recomendações efectuadas pelo Provedor na sequência das reclamações que lhe forem apresentadas, bem como a menção da sua adopção pela CGD Pensões, nos termos estabelecidos em Norma do Instituto de Seguros de Portugal.

ARTIGO 20.º

Foro

O foro competente para dirimir qualquer litígio emergente deste Regulamento de Gestão ou do Contrato de Adesão individual é o da Comarca de Lisboa, a não ser que o Aderente pessoa singular tenha domicílio fora da área metropolitana de Lisboa, caso em que é competente o tribunal da Comarca da área de residência deste último.

ARTIGO 21.º

Disposição Final

Tudo o que não se encontrar especificamente previsto e regulado neste Regulamento de Gestão será regido pelas disposições legais e regulamentares aplicáveis aos fundos de pensões e à actividade seguradora em geral.

01 de Junho de 2011

CGD Pensões – Sociedade Gestora de Fundos de Pensões, S.A.

ANEXO I

POLÍTICA DE INVESTIMENTOS

1. Introdução

O presente Anexo tem por objectivo estabelecer um conjunto de directrizes e princípios orientadores, com base nos quais a Entidade Gestora deverá conduzir e controlar a gestão do Fundo de Pensões Aberto Caixa Reforma Valor (adiante apenas designado por Fundo).

2. Estratégia de Investimento e Perfil do Investidor Objectivo

O Fundo caracteriza-se por uma gestão moderada, destinando-se, sem prejuízo da possibilidade da sua combinação com outros fundos de pensões abertos de perfil de investimento distinto geridos pela mesma Entidade Gestora, a investidores moderadamente avessos à volatilidade dos mercados financeiros que procuram a construção de complementos de reforma.

3. Benchmarks e Limites de Investimento

São definidos, para cada classe de activos os seguintes benchmarks e limites de investimento:

Classes de Activos	Benchmark Central (%)	Intervalos Permitidos (%)
Obrigações	50	30 – 70
Taxa Fixa (a)	25	0 – 40
Taxa Variável (b)	25	0 – 40
Ações (c)	30	10 – 50
Imobiliário	15	0 – 30
Investimento Directo (d)	5	0-30
Investimento Indirecto (e)	10	0-30
Investimentos Alternativos (f)	0	0-10
Liquidez (g)	5	0 – 25
Total	100	-

Em que:

- Inclui títulos representativos de dívida de taxa fixa emitidos por entidades públicas ou privadas e unidades de participação de fundos de investimento mobiliário cuja política de investimento seja constituída maioritariamente por obrigações de taxa fixa.
- Inclui títulos representativos de dívida de taxa variável emitidos por entidades públicas ou privadas e unidades de participação de fundos de investimento mobiliário cuja política de investimento seja constituída maioritariamente por obrigações de taxa variável. O papel comercial é incluído nesta classe de activos.
- Inclui acções, warrants e obrigações convertíveis, bem como instrumentos que confiram o direito à subscrição das mesmas acções tais como obrigações e unidades de participação em fundos de investimento mobiliário constituídos maioritariamente por essas acções.
- Inclui aplicações em terrenos e edifícios, créditos decorrentes de empréstimos hipotecários e acções de Sociedades imobiliárias.
- Inclui unidades de participação em fundos de investimento imobiliário, em fundos de fundos de investimento imobiliário ou em quaisquer outros organismos de investimento colectivo que invistam maioritariamente, de forma directa ou indirecta, em activos imobiliários.
- Inclui aplicações, cujo objectivo é obter rendimentos positivos, estáveis e independentes das direcções dos mercados financeiros. Utilizam para atingir estes objectivos diferentes estratégias de investimento (nomeadamente Fundos de Hedge Funds, Fundos de Private Equity, entre outros).
- Inclui instrumentos do mercado monetário nomeadamente vocacionados para a gestão de tesouraria cujo prazo de vencimento

residual é inferior a 12 meses. Ex: Depósitos à ordem, depósitos a prazo, certificados de depósito.

Os intervalos definidos para as aplicações do Fundo poderão ser incumpridos se essa violação for efectuada de forma passiva, designadamente por (des)valorização de activos financeiros ou entradas e saídas de capital ou for justificada por uma elevada instabilidade dos mercados financeiros, devendo a mesma ser delimitada num período de tempo razoável.

4. Restrições / Indicações

Para além das restrições impostas pela legislação em vigor a cada momento, a gestão da carteira do Fundo deverá ainda ter em consideração os seguintes pontos:

1. Instrumentos Derivados:

O Fundo poderá utilizar instrumentos financeiros derivados para cobertura do risco e para prossecução de outros objectivos de adequada gestão do seu património, nos termos e limites definidos na lei e nas normas regulamentares do ISP, bem como na presente política de investimentos.

As operações que envolvam instrumentos derivados poderão estar relacionadas com os seguintes riscos:

- Risco de taxa de juro - risco de variação da cotação das obrigações que compõem a carteira do Fundo, a qual depende da evolução das taxas de juro de curto e longo prazo. Assim, o Fundo está dependente das expectativas de crescimento económico, evolução das taxas de inflação e de condução da política monetária;
- Risco de crédito - risco de investir em obrigações com risco de crédito nomeadamente, risco de descida das cotações devido à degradação da qualidade de crédito do emitente dos activos, risco associado à possibilidade de ocorrer incumprimento por parte dos emitentes dos activos;
- Risco cambial - risco de investir em moeda estrangeira ou em activos denominados em moeda estrangeira. A apreciação do euro face a essas moedas traduz-se numa perda de valor desses activos;
- Risco de mercado - risco de variação da cotação das acções que compõem a carteira do Fundo, a qual depende do crescimento económico, da evolução dos mercados financeiros e da evolução das taxas de juro;
- Risco específico - risco de variação da cotação das acções que compõem a carteira do Fundo, a qual depende da evolução do negócio das empresas e do sector onde esta está inserida. Esta evolução está associada à capacidade de gestão da empresa nas suas vertentes financeira, operacional e estratégica.

O Fundo poderá, designadamente, transaccionar contratos de futuros e opções sobre índices ou sobre valores mobiliários individuais, poderá realizar operações de permuta de taxas de juro e de taxas de câmbio (swaps), celebrar acordos de taxas de juro, câmbios a prazo (FRA's e forwards) e utilizar "credit default swaps".

O Fundo utilizará instrumentos financeiros derivados que se encontrem admitidos à cotação em Bolsas de valores e mercados regulamentados, entendendo-se este conceito, ao longo da presente política de investimentos, conforme se encontra definido na legislação em vigor.

O Fundo poderá ainda utilizar instrumentos derivados transaccionados fora de mercado regulamentado desde que as operações sejam efectuadas com uma instituição financeira que, cumulativamente, esteja legalmente autorizada para o efeito num Estado-membro do Espaço Económico Europeu ou noutro país da OCDE e cujo rating seja qualitativamente igual ou superior a "BBB"/"Baa2", conforme notações universalmente utilizadas, ou a outras classificações comprovadamente equivalentes.

A exposição resultante de instrumentos derivados, considerada conjuntamente com a exposição resultante dos activos em carteira, terá que respeitar os limites de exposição estabelecidos no Ponto 3. do presente Anexo. Para efeitos da determinação da exposição, serão equiparados a derivados os activos financeiros com produtos derivados incorporados, bem como de produtos estruturados com características idênticas.

Adicionalmente, no caso dos produtos derivados serem utilizados no âmbito de uma gestão agregada dos riscos afectos aos activos ou responsabilidades do Fundo, o acréscimo da perda potencial máxima resultante da sua utilização não poderá exceder, a todo o momento, 20% da perda potencial máxima a que, sem a utilização desses produtos, a carteira do Fundo estaria exposta.

Pela utilização de instrumentos e produtos derivados o Fundo incorre, nomeadamente, no risco de aumento ou diminuição da exposição a um determinado activo.

II. Operações de Reporte e Empréstimo de Valores:

Com o objectivo de incrementar a sua rentabilidade, o Fundo pode efectuar operações de reporte e de empréstimo, desde que estas sejam efectuadas com uma instituição financeira que, cumulativamente, esteja legalmente autorizada para o efeito num Estado membro do Espaço Económico Europeu ou noutro país da OCDE e cujo rating seja qualitativamente igual ou superior a “BBB”/“Baa2”, conforme notações universalmente utilizadas, ou a outras classificações comprovadamente equivalentes.

As operações de reporte e de empréstimo serão realizadas em Bolsas de valores e mercados regulamentados.

As garantias associadas às operações de reporte e de empréstimo de valores efectuadas por conta do Fundo, devem revestir a forma de:

- numerário;
- valores mobiliários emitidos ou garantidos por Estados membros da União Europeia, admitidos à negociação num mercado regulamentado de um Estado membro da União Europeia;
- instrumentos do mercado monetário, emitidos em conjuntos homogêneos, nomeadamente bilhetes do tesouro.

As operações de reporte e empréstimo não poderão comprometer os limites de alocação definidos para cada uma das classes de activos a que respeitam e o valor de mercado dos activos cedidos no conjunto dessas operações não poderá exceder, em qualquer momento, 40% do valor do património do Fundo.

III. Investimento Obrigacionista

As obrigações adquiridas deverão ter um rating mínimo de Investment Grade ou equivalente. Poderá no entanto existir até ao limite de 5% da carteira total, o investimento em obrigações de rating inferior a Investment Grade.

IV. Valores Não Admitidos em Mercados Regulamentados

O limite de exposição a valores mobiliários que não se encontrem admitidos à negociação em mercados regulamentados é de 15% do valor global da carteira do Fundo.

V. Aplicações em Moeda Diferente do Euro

O conjunto das aplicações expressas em moedas que não o Euro, sem cobertura cambial, não pode representar mais que 30% do valor global da carteira do Fundo.

VI. Organismos de Investimento Colectivo Não Harmonizados

O Fundo de Pensões poderá investir em organismos de investimento colectivo não harmonizados dentro dos seguintes limites:

- As aplicações em organismos de investimento colectivo em valores mobiliários de índices não harmonizados, que não façam uso do efeito de alavancagem, não poderão ultrapassar 30% do valor global do Fundo;
- As aplicações em organismos de investimento colectivo não harmonizados que se enquadrem no âmbito da alínea e) do n.º 1 do artigo 19.º da Directiva n.º 85/611/CEE, de 20 de Dezembro, alterada pela Directiva n.º 2001/108/CE, de 21 de Janeiro de 2002, não poderão representar mais que 30% do valor global do Fundo;
- As aplicações em outros organismos de investimento colectivo não harmonizados não poderão ultrapassar 10% do Fundo. As estratégias de investimento prosseguidas por estes organismos enquadram-se nas categorias de Trading Direccional, Valor Relativo (Arbitragem), Equity Long/Short, e Crédito. Os tipos de activos com os quais estas

estratégias são implementadas incluem acções, obrigações, moedas, taxas de juro e matérias-primas, bem como activos derivados com subjacentes destes tipos. Estes organismos podem também ter uma filosofia de gestão multi-estratégia e investir em outros organismos de investimento colectivo não harmonizados. Sendo organismos de investimento colectivo não harmonizados, não estão sujeitos aos mesmos limites prudenciais a que estão sujeitos os organismos de investimento colectivo harmonizados e, nessa medida, poderão apresentar um nível de risco mais elevado.

VII. Diversificação e Dispersão do Investimento

O investimento do Fundo deverá respeitar os seguintes limites de diversificação e dispersão prudenciais:

- O investimento numa mesma Sociedade não pode representar mais do que 10% do valor do património do Fundo, sendo o limite de 5% quando se tratar de investimento em Associados do Fundo ou em Sociedades que se encontrem em relação de domínio ou de grupo com esses Associados;
- O investimento no conjunto das Sociedades que se encontrem entre si ou com a Entidade Gestora em relação de domínio ou de grupo não pode representar mais do que 20% do valor do património do Fundo, sendo o limite de 10% quando se tratar de investimentos efectuados no conjunto dos Associados do Fundo e das Sociedades que se encontrem em relação de domínio ou de grupo com esses Associados;
- O investimento em unidades de participação de um único organismo de investimento colectivo não harmonizado não pode representar mais do que 2% do valor do património do Fundo;
- No caso de organismos de investimento colectivo não harmonizados que invistam noutros organismos de investimento colectivo não harmonizados, não é aplicável o limite estabelecido na alínea anterior, mas o investimento em unidades de participação de cada um destes outros organismos não pode representar mais do que 2% do valor do património do Fundo.
- Para efeitos das anteriores alíneas (a) a (d), excluem-se depósitos em instituições de crédito que sejam efectuados com vista à gestão de liquidez do Fundo.

VIII. Investimentos Vedados

Não poderão ser adquiridos nem entregues como contribuição para o Fundo títulos emitidos:

- Pela Entidade Gestora;
- Por Sociedades que sejam membros do órgão de administração da Entidade Gestora, ou que com esta estejam em relação de domínio ou de grupo, ou que possuam, directa ou indirectamente, mais do que 10% do capital social ou dos direitos de voto desta, salvo se os títulos se encontrarem admitidos à negociação num mercado regulamentado;
- Por Associados do Fundo ou Sociedades que estejam em relação de domínio ou de grupo com esses Associados, salvo se os títulos se encontrarem admitidos à negociação num mercado regulamentado;
- Por Sociedades cujo capital social ou direitos de voto pertençam, directa ou indirectamente, em mais do que 10% a um ou mais administradores da Entidade Gestora, em nome próprio ou em representação de outrem, ou aos seus cônjuges e parentes ou afins no 1.º grau, salvo se os títulos se encontrarem admitidos à negociação num mercado regulamentado;
- Por Sociedades de cujos órgãos de administração ou de fiscalização façam parte um ou mais administradores da Entidade Gestora, em nome próprio ou em representação de outrem, seus cônjuges e parentes ou afins no 1.º grau, salvo se os títulos se encontrarem admitidos à negociação num mercado regulamentado.

5. Medidas de Referência Relativas à Rentabilidade

I. Medidas de Referência

Deverão ser utilizados, como medidas de referência relativas à rentabilidade de cada classe de activos da carteira do Fundo, os índices constantes na tabela seguinte:

Classes de Activos	Índice de Referência	Ticker Bloomberg
Obrigações		
Taxa Fixa	JP Morgan EMU Investment Grade	JPMGEMUI Index
Taxa Variável	Euribor 3 Meses NM	EUR003M Index
Ações	MSCI Euro	MSER Index
Imobiliário (Invest. Directo e Invest. Indirecto)	Índice APFIPP	-
Liquidez	Euribor 3 Meses NM	EUR003M Index

II. Cálculo da Rendibilidade da Carteira

Como base de cálculo da rendibilidade dos activos financeiros deverá ser utilizada a *Time Weighted Rate of Return*, cujo cálculo exacto requer uma avaliação completa da carteira sempre que se dá um movimento de *cashflows*. A fórmula utilizada para o cálculo das rendibilidades diárias será a seguinte:

$$r_t = \frac{(MV_t - CF_t) - MV_{t-1}}{MV_{t-1}}$$

Onde

r_t = rendibilidade diária da carteira no dia t ;

MV_t = valor de mercado da carteira no final do dia t ;

CF_t = valor dos *cashflows* líquidos ocorridos no dia t ;

t = unidade de tempo diária.

As rendibilidades diárias deverão ser compostas, por forma a obter as rendibilidades mensais, trimestrais e anuais e acumuladas desde o início do ano (YTD):

Rendibilidade do Período

$$R_p = \left(\prod_{t=1}^n (1+r_t) \right) - 1$$

Onde

R_p = rendibilidade acumulada da carteira no período P ;

P = período de tempo (mês, trimestre ou ano);

t = unidade de tempo diária;

n = número de observações diárias no período.

Rendibilidade YTD

$$R_T = \left(\prod_{t=1}^n (1+r_t) \right) - 1$$

Onde

R_T = rendibilidade acumulada da carteira no período T ;

T = período de tempo (dias decorridos desde o início do ano);

t = unidade de tempo diária;

n = número de observações diárias no período.

6. Medição e Controlo de Risco

O risco dos investimentos é avaliado através da utilização de diversas medidas estatísticas e financeiras, baseadas em observações *a posteriori* da evolução da *performance* da carteira do Fundo e dos activos que a compõem.

Esses indicadores são regularmente calculados e a gestão da carteira global do Fundo e da carteira de cada classe de activos que o compõem poderá ser ajustada, sempre que tal seja considerado necessário face ao valor dos mesmos.

No âmbito do processo de medição e controlo de risco são, nomeadamente, utilizados os seguintes indicadores:

- (a) **Desvio-padrão** anualizado das rendibilidades diárias para calcular a volatilidade das carteiras de activos e dos respectivos *benchmarks* segundo as fórmulas (1):

$$(1) \quad \sigma_r = \sqrt{\frac{\sum_{t=1}^n (r_t - \bar{r}_T)^2}{n-1}} \times \sqrt{365}$$

$$\sigma_{b_r} = \sqrt{\frac{\sum_{t=1}^n (b_t - \bar{b}_T)^2}{n-1}} \times \sqrt{365}$$

σ_r = desvio-padrão das rendibilidades da carteira no período T ;

σ_{b_r} = desvio-padrão das rendibilidades do *benchmark* no período T ;

T = período de tempo (dias decorridos desde o início do ano);

t = unidade de tempo diária;

n = número de observações diárias no período;

r_t = rendibilidade diária da carteira no dia t ;

\bar{r}_T = média das rendibilidades r_t no período T .

b_t = rendibilidade diária do *benchmark* no dia t ;

\bar{b}_T = média das rendibilidades b_t no período T .

Este é um indicador de dispersão pelo que quanto maior for o valor encontrado maior o risco histórico dos investimentos. Pelo contrário, quanto mais perto de zero estiver o valor do desvio-padrão, mais estáveis são as rendibilidades obtidas e, portanto, menor o risco.

- (b) **Tracking Error**. O cálculo deste indicador é igual à volatilidade das diferenças entre a rendibilidade da carteira e a rendibilidade do *benchmark* segundo a fórmula (2). A taxa apresentada está anualizada.

$$(2) \quad TE_T = \sqrt{\frac{\sum_{t=1}^n (D_t - \bar{D}_T)^2}{n-1}} \times \sqrt{365}$$

TE_T = *tracking error* da carteira no período T ;

T = período de tempo (dias decorridos desde o início do ano);

t = unidade de tempo diária;

n = número de observações diárias no período;

$D_t = r_t - b_t$;

r_t = rendibilidade diária da carteira no dia t ;

b_t = rendibilidade diária do *benchmark* no dia t ;

\overline{D}_T = média dos D_i no período T.

O *Tracking Error* pretende medir o grau de fiabilidade com que a carteira de investimentos replica o *benchmark* ou a consistência com que a *performance* da carteira supera ou fica abaixo da *performance* do *benchmark*. Assim, um valor próximo de zero indica que existe uma elevada consistência na diferença de rendibilidades, seja essa diferença positiva, negativa ou nula. Um elevado valor do *Tracking Error* sugere uma política de gestão activa que não procura replicar fielmente o *benchmark* originando, assim diferenças de rendibilidade, ora positivas, ora negativas.

- (c) Como medidas de eficiência utiliza-se o **Índice de Sharpe** e o **Information Ratio**. Ambos avaliam o acréscimo de rendibilidade por unidade de risco assumida. No entanto, o primeiro assume o risco como o desvio-padrão das rendibilidades diárias fórmula (3) e o segundo assume o *Tracking Error* (4). Relativamente ao acréscimo de rendibilidade, o Índice de Sharpe calcula-o face ao índice de rendibilidade da taxa de juro sem risco (assume-se a Euribor a 3M) e o *Information Ratio* face à rendibilidade do *benchmark*.

$$(3) S_T = \frac{((R_T + 1)^{(365/T)} - 1) - ((r_{f_T} + 1)^{(365/T)} - 1)}{\sigma_r}$$

Em que:

S_T = Índice de Sharpe da carteira no período T;

T = período de tempo (dias decorridos desde o início do ano);

R_T = rendibilidade acumulada da carteira no período T;

r_{f_T} = índice de rendibilidade da taxa de juro sem risco no final do período T. Este índice resulta da diarização da média móvel das observações diárias dos últimos 3 meses da Euribor 3M;

σ_r = desvio-padrão das rendibilidades da carteira no período T.

$$(4) I_T = \frac{((R_T + 1)^{(365/T)} - 1) - ((B_T + 1)^{(365/T)} - 1)}{TE_T}$$

Em que:

I_T = *Information Ratio* da carteira no período T;

T = período de tempo (dias decorridos desde o início do ano);

R_T = rendibilidade acumulada da carteira no período T;

B_T = rendibilidade acumulada do *benchmark* no período T;

TE_T = *tracking error* da carteira no período T.

O *Information Ratio* indica o excesso de rendibilidade obtida em relação ao *benchmark*, por unidade de risco adicional suportada em relação a esse mesmo *benchmark*. Quanto maior o valor mais eficiente é a gestão da carteira na medida em que se pretende maximizar o excesso de rendibilidade face ao *benchmark*, minimizando o acréscimo de risco suportado.

- (d) **Risco de Perda** da carteira é uma medida semelhante ao *Tracking Error*, difere em apenas se considerar as diferenças negativas existentes entre a rendibilidade da carteira e a rendibilidade do *benchmark*, fórmula (5):

$$RP_T = \sqrt{\frac{\sum_{i=1}^n (d_i - \overline{d}_T)^2}{n-1}} \times \sqrt{365}$$

RP_T = risco de perda da carteira no período T;

T = período de tempo (dias decorridos desde o início do ano);

t = unidade de tempo diária;

n = número de observações diárias no período;

$d_i = \text{Min}(0, r_i - b_i)$;

\overline{d}_T = média dos d_i no período T;

r_i = rendibilidade diária da carteira no dia t;

b_i = rendibilidade diária do *benchmark* no dia t;

7. Intervenção e Exercício de Direitos de Voto

A política de intervenção e exercício de direitos de voto nas Sociedades emittentes será decidida pelo Conselho de Administração da Entidade Gestora, ouvida a Comissão de Investimentos, tendo sempre subjacente o melhor interesse para o Fundo.

No que respeita ao exercício dos direitos de voto inerentes a acções de empresas nacionais detidas pelo Fundo, a CGD Pensões não participará nas assembleias gerais das respectivas entidades emittentes, excepto nos casos em que a defesa dos interesses dos Participantes o justifique, nomeadamente deliberações sobre fusões e aquisições relevantes.

Nestes casos, a CGD Pensões participará através de um representante exclusivo e vinculado às suas instruções.

A CGD Pensões não participará nas assembleias gerais de empresas sedeadas no estrangeiro.

A CGD Pensões não poderá exercer o direito de voto no sentido de apoiar a inclusão ou manutenção de cláusulas limitativas do direito de voto ou outras cláusulas susceptíveis de impedir o êxito de ofertas públicas de aquisição

8. Definição da Política de Investimentos

A decisão do teor da Política de Investimentos e de eventuais alterações à mesma compete ao Conselho de Administração da Entidade Gestora, ouvida a Comissão de Investimentos, tendo sempre subjacente o melhor interesse para o Fundo e a defesa dos interesses dos seus Participantes e Beneficiários.